

Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA

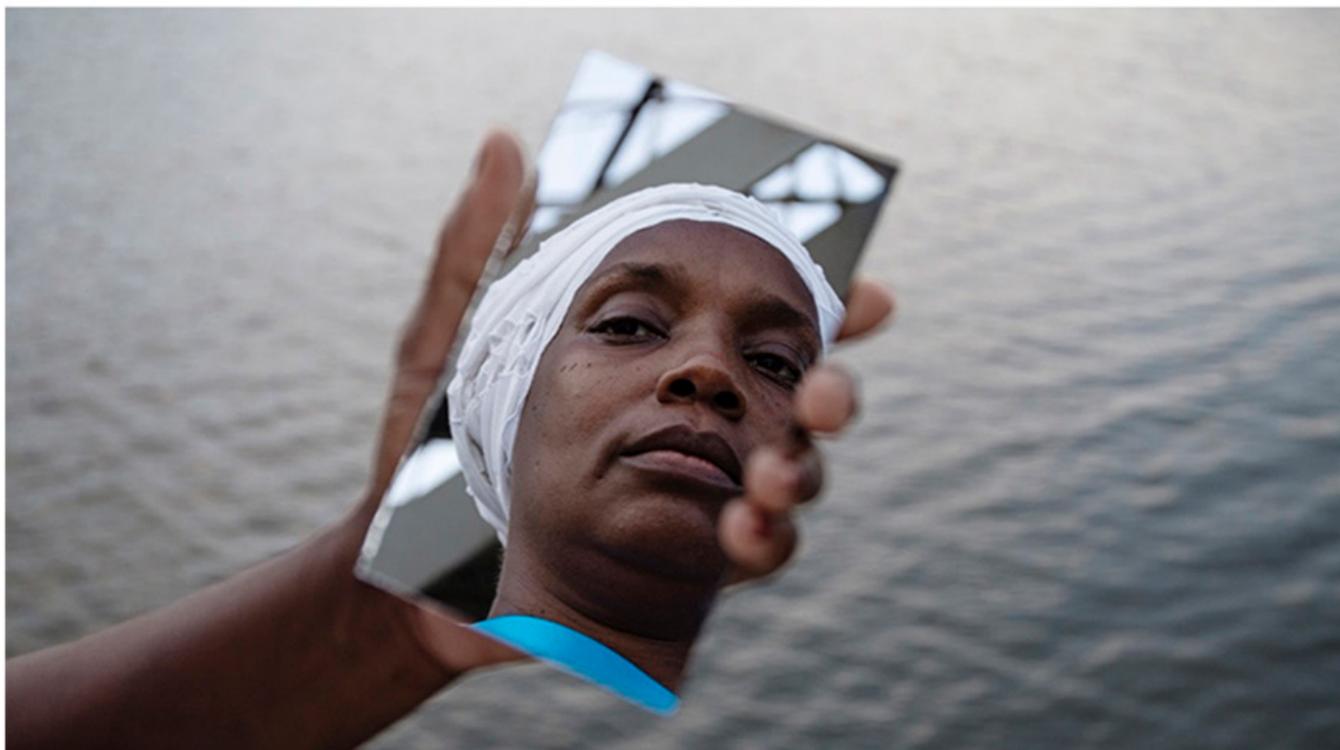


Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA

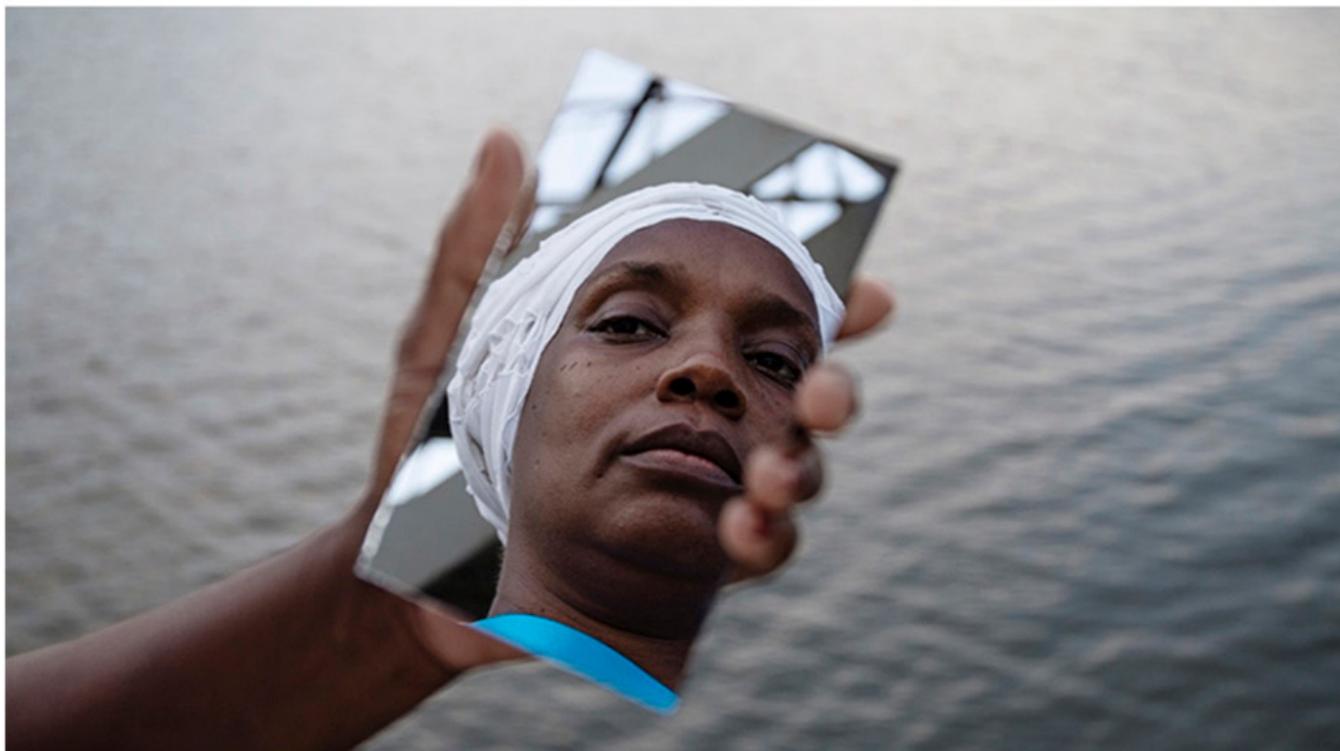


Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Organização



Apoio



42º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE (2022)

PRESIDÊNCIA DE HONRA (*in memoriam*) – Walter Zanini

DIRETORIA DO CBHA (2023-2025)

Presidente - Vera Maria Pugliese de Castro (UnB/CBHA)
Vice-presidente - Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)
Secretário - Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)
Tesoureira - Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)

DIRETORIA DO CBHA (2020 - 2022)

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)
Vice-Presidente - Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL/CBHA)
Secretária - Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)
Tesoureiro - Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)
Angela Brandão (UNIFESP/CBHA)
Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)
Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)
Fernanda Pequeno (UERJ/CBHA)
Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)
Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)
Sheila Cabo Geraldo (UERJ/CBHA)

COMITÊ CIENTÍFICO DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022

Elisa Souza Martinez (UnB/CBHA)
Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/CBHA)
Maria Inez Turazzi (IBRAM/CBHA)
Paulo Knauss de Mendonça (UFF/CBHA)
Rita Lages (UFMG/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO PRÊMIO CBHA DE TESES/ 2022

Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)
Dária Jaremtchuk (USP/CBHA)
Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP/CBHA)
Paula Ramos (UFRGS/CBHA)
Vera Beatriz Siqueira (UERJ/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DOS ANAIS DO 42º COLÓQUIO DO CBHA

Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)
Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)
Fernanda Pequeno da Silva (UERJ/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

IMAGEM: Aline Motta, (*Outros Fundamentos*, 2017-2019).

DIAGRAMAÇÃO: Thaís Franco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (42: 2022)

Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte - Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA, Rio de Janeiro, 7-12 nov. 2022. (Organizadores: Vera Marisa Pugliese de Castro, Eduardo Ferreira Veras, Ivair Junior Reinaldim, Daniela Pinheiro Machado Kern, Fernanda Pequeno da Silva e Rogéria Moreira de Ipanema. Porto Alegre: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2023 [2022].

Vários autores

1367 p. 21x29,7 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.42>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 42º do Colóquio do CBHA.

CDD: 709.81

Os textos dos artigos e as imagens reproduzidas nesta publicação são de responsabilidade dos respectivos autores.

Comitê Brasileiro de História da Arte (filiação ao *Comité Internationale de Histoire de l'Art*).

<http://www.cbha.art.br/index.html>

e-mail:cbha.secretaria@gmail.com

A nudez nas artes visuais: perspectivas contrassexuais

Bruno Alcione Novadvorski Scheeren, Programa de Pós-graduação em Artes - UERJ/

<https://orcid.org/0000-0002-6429-6942>

bn@brunonovadvorski.com.br

Alexandre Sá, Instituto de Artes da UERJ+FAPERJ/

<https://orcid.org/0000-0002-7846-5145>

alexandresabarro@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta um recorte da contrassexualidade do filósofo Paul B. Preciado além de realizar uma crítica ao seu pensamento, uma vez que ele não explora em suas reflexões uma temática que consideramos como pontual para a contrassexualidade: a nudez. Para apoiar nossa reflexão, recorreremos aos pensamentos do também filósofo Giorgio Agamben sobre a nudez. Além das questões teóricas, serão apresentados quatro trabalhos artísticos que colaboram para a reflexão proposta.

Palavras-chave: Nudez 1. Artes visuais 2. Contrassexualidade 3. Paul B. Preciado 4. Giorgio Agamben 5.

Abstract

This article presents the countersexuality of the philosopher Paul B. Preciado, in addition to criticizing his thinking, since he does not explore in his reflections a theme that we consider to be punctual for countersexuality: nudity. To support our reflection, we turn to the thoughts of the philosopher Giorgio Agamben on nudity. In addition to theoretical issues, four artworks that contribute to the proposed reflection will be presented.

Keywords: Nudity 1. Visual arts 2. Countersexuality 3. Paul B. Preciado 4. Giorgio Agamben 5.

Introdução

O filósofo Paul B. Preciado diz que a contrassexualidade é “mais o fim da natureza como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros” (2017, p. 21). Ao exercer essa afirmação no início de seu *Manifesto Contrassexual* (2017), o autor demonstra que irá se debruçar, entre outros autores e pensamentos, sobre aspectos biopolíticos esboçados por Michel Foucault, a quem Preciado inclusive dedica o termo contrassexual: “para quem [Foucault] a forma mais eficaz de resistência à produção disciplinar da sexualidade em nossas sociedades liberais não é a luta contra a proibição (...) e sim a contraproduktividade” (p. 22).

Na sequência, Preciado comenta que as práticas “contrassexuais que serão propostas devem ser compreendidas como tecnologias de resistência, dito de outra maneira, como formas de contradisciplina sexual” (2017, p. 21), ou seja, a contrassexualidade preciadiana questiona a existência de ordens de dominação estabelecidas pelos contratos de gênero e sexuais, pois estes são debates fundamentais que atravessam tempo e espaço, pensando esses termos de modo ampliado e transitando entre as variações de seus entendimentos. O que chama a atenção é que, se tratando de temáticas que têm como denominador comum corpos, corpas e corpes, há a ausência de um debate sobre a nudez.

Portanto, observando que a escolha de Preciado em não abordar a temática da nudez em seu *Manifesto* é um problema que observamos em seu pensamento, ao mesmo tempo, que se torna uma possibilidade de reflexão dos contradiscursos no dispositivo de arte, principalmente, ao nos darmos conta de que nas historiografias das artes, a nudez é a tônica desde tempos e espaços antigos. Para compor a reflexão aqui proposta, convocamos o pensamento do filósofo Giorgio Agamben e seu livro *Nudez* (2010), onde o autor apresenta um capítulo exclusivo sobre o debate da nudez apontando, por exemplo, que a mesma se origina a partir do “pecado”.

Assim, este artigo pretende a costura dessas reflexões com as seguintes obras de arte: *Imponderabilia* (1977) de Marina Abramovic com Ulay; *Intervenção* (1982) do Movimento de Arte Pornô; *Public Cervix Announcement* (1990-93) de Annie Sprinkle e *Solar Anus* (1999) do Ron Athey. Portanto, este trabalho busca explorar a nudez nas artes visuais pelo espectro da contrassexualidade, estabelecendo reflexões teóricas e críticas sobre o manifesto preciadiano, como outras leituras e discursos para as artes visuais.

Contrassexualidade preciadiana e o não debate da nudez

O filósofo espanhol Paul B. Preciado vem ganhando destaque nos debates acadêmicos e intelectuais por suas reflexões desconcertantes e por sua crítica ácida às estruturas sociais ocidentais. Suas reflexões e críticas tem sido fonte de inspiração não somente para a filosofia contemporânea, mas também para outros campos do saber, como antropologia, sociologia, entre outros. Nas Artes Visuais (aqui estabelecendo o recorte brasileiro), sua utilização ainda é tímida, justamente porque Preciado não se debruça diretamente nas questões ditas “das artes visuais”. Contudo, suas proposições filosóficas estão tornando-se fonte para pesquisadores do campo das artes visuais, principalmente, em se tratando das questões de gênero e teoria queer, por exemplo, atravessando-as com as questões pertinentes às artes visuais, tal como o debate sobre estética. Para que a crítica à sua contrassexualidade seja feita, apresentamos alguns pontos importantes de sua perspectiva contrassexual para que assim tal exercício crítico possa ser estabelecido.

O pensamento contrassexual proposto por Preciado é inicialmente dividido em duas partes. Primeiramente, como “uma análise crítica da diferença de gênero e de [sexualidade], produto do contrato social heterocentrado, cujas performatividades normativas foram inscritas nos corpos como verdades biológicas” (PRECIADO, 2017, p. 21). Ressaltamos que o grifo na citação se dá por entendermos que o termo “sexo”, como consta nas duas traduções brasileiras publicadas em 2017 e 2022 e na versão em espanhol de 2011, não deveria ser utilizado. Caberia aqui uma crítica ao uso do termo “sexo”, por justamente ficar evidente ao longo do Manifesto, que a lógica heterocisnormativa utiliza tal termo para uma definição biologizante a partir dos ditos órgãos sexuais, pênis e vagina, e assim estabelecer construções binárias como macho/fêmea, homem/mulher, masculino/feminino etc. binarismos que são justamente criticados por Preciado. As reflexões filosóficas e possíveis críticas a utilização dos termos “sexo” e “sexualidade” são pertinentes, mas desviariam do foco deste artigo. Sua mínima compreensão e distinção é importante, afinal de contas, as leituras de ambos os termos alteram a leitura e interpretação do texto. Por este motivo, não utilizaremos o termo “sexo”, mas sim, “sexualidade”.

Retomando a diferença entre gênero e sexualidade que Preciado se debruça, este é para nós um dos pontos mais importantes de seu pensamento neste livro, estabelecer e diferenciar os limites entre gênero e as práticas sexuais, pois ambos ainda são entendidos como dependentes e inseparáveis para a formação subjetiva, ou seja, gênero não é prática sexual e prática sexual não é gênero, mesmo com a forte relação, são subjetividades que em primeira instância são distintas, mas que se relacionam. De modo mais simples, reconhecer-se como bicha, por exemplo, não é necessariamente

dizer que transa apenas com pessoas que se reconhecem como bichas. Uma bicha, pode transar com uma pessoa não-binária e, deste modo, o gênero de ambas pouco importa.

A contrassexualidade é uma teoria sobre o corpo que por sua vez desconstrói a lógica binária exposta anteriormente, a sexualidade por sua vez é uma tecnologia (PRECIADO, 2017). Assim, Preciado aponta que

gênero é um sistema de escritura. O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados. A (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetição e de recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais. (PRECIADO, 2017, p. 26)

Portanto, neste primeiro ponto importante da contrassexualidade, o que fica evidente é que os binarismos de gêneros são naturalizados pela heterocisnormatividade branca, classista, capacitista, de modo que quem escapa de suas regras é tem sua existência marginalizada. A partir dessa naturalização que Preciado elabora uma segunda questão importante para o pensamento contrassexual

A contrassexualidade aponta para a substituição desse contrato social que denominamos Natureza por um contrato contrassexual. No âmbito do contrato contrassexual, os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem os outros corpos como falantes. Reconhecem em si mesmos a possibilidade de aceder a todas as práticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos, que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas. Por conseguinte, renunciam não só a uma identidade sexual fechada e determinada naturalmente, como também aos benefícios que poderiam obter de uma naturalização dos efeitos sociais, econômicos e jurídicos de suas práticas significantes. (PRECIADO, 2017, p. 26)

Assim, corpos que se reconheciam, a partir da lógica binária heterocentrada, passam a ter liberdade de se identificarem ou não por essa lógica. Seus novos contratos sociais não são necessariamente fixos, podem durar por uma vida, bem como serem momentâneos. Mas, como Preciado ressalta na citação acima, ao fazer isso deve-se abrir mão dos benefícios que a naturalização das identidades binárias geram, ou seja, se deixo de me reconhecer como uma pessoa cisgênero (identidade a partir da aceitação binária, masculina/feminina que nos é atribuída no nascimento) e passa a se reconhecer como uma pessoa trans ou não-binária, deve deixar para trás os benefícios que tinha até aquele momento.¹

1 Paul B. Preciado como pessoa trans não-binária apresenta essas questões em vários artigos e em livros. Destaco aqui o livro *Eu sou o monstro que vos fala* (2022), no qual Preciado transcreve seu discurso no Palais des Congrès, em Paris, no ano de 2019. Diante de 3500 psicanalistas presentes na jornada internacional da Escola

Portanto, a contrassexualidade é, para além de uma proposta filosófica de contraproduções discursivas e práticas subversivas, uma contrasociedade que desestrutura as naturalizações heterocisgêneras brancas classistas capacitistas e das ruínas busca estabelecer-se como novo modelo. Porém, nessa desconstrução das compreensões de gênero e sexualidades, como citado anteriormente, o corpo é um texto construído por práticas discursivas e suas materialidades (PRECIADO, 2017). Essas questões são evidentes ao longo do *Manifesto Contrassexual*, porém o que nos chama a atenção é que a nudez não é explorada por Paul B. Preciado, sendo esta questão ainda um tabu nas sociedades ocidentais tão forte quanto os debates de gênero e sexualidade.

Preciado não cita em seu livro a palavra nudez, suas únicas três citações se encontram na palavra nu, sendo as duas primeiras ao abordar a performance *Solar Anus* (1999), do estadunidense Ron Athey e posteriormente ao fazer um comentário sobre o livro *O anti-Édipo* de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Mesmo nessas citações, Preciado não se preocupa em desenvolver a questão da nudez que nos parece tão cara para debater corpo e, conseqüentemente, gênero e sexualidade. Sabemos que na estruturação dos pensamentos, muitas vezes, escolhas precisam ser feitas e questões ficam de fora. Provavelmente, a ausência do debate da nudez na contrassexualidade pode ser porque não era importante para Preciado naquele momento, como também por suas questões girarem em torno dos debates de gênero e sexualidade. Deste modo, no próximo tópico, apresentaremos pontos que o filósofo Giorgio Agamben faz em seu livro *Nudez*, mais especificamente no capítulo homônimo ao livro.

A nudez contrassexual

Para pensar a nudez na contrassexualidade, utilizaremos, como já apontado, as reflexões filosóficas de Giorgio Agamben. Importante destacar que Agamben para elaborar seu pensamento recorre aos escritos teológicos a respeito da nudez, como os do teólogo Erik Peterson. Já Paul B. Preciado, em sua formulação teórica, não recorre a teólogos, mas pensamentos filosóficos de Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Donna Haraway, Monique Wittig e Judith Butler, por exemplo. Uma diferença entre ambos filósofos é que Agamben não faz uma revisão filosófica crítica, já Preciado destaca a importância de Foucault e Butler, por exemplo, mas tece críticas ao pensamento de ambos quando estes debateram sexualidade e gênero, respectivamente. Mesmo com essas diferenças, acreditamos que as perspectivas filosóficas de Giorgio Agamben a

da Causa Freudiana com o tema “Mulheres na psicanálise”. Discurso polêmico e muito mais ácido do que suas reflexões feitas no Manifesto Contrassexual. Neste livro, Preciado expressa cirurgicamente como todos os corpos que decidem abandonar a lógica heterocentrada são tratados pela psicanálise por meio dos dispositivos que estruturam as sociedades ocidentais, como as leis e a medicina regram os corpos perversos.

respeito da nudez, possibilitem este debate na contrassexualidade de Paul B. Preciado.

Quase sempre, quando falamos em/sobre corpo, não escapamos de pensar na nudez, isso porque esta questão ainda é um tabu em sociedades ocidentais, principalmente para sociedades brancas que têm como características as crenças pautadas no cristianismo, uma vez que é por essa via que Giorgio Agamben explora a questão. Afinal de contas, como o filósofo indica: “a nudez, na nossa cultura [ocidental, branca, cristã], é inseparável de uma assinatura teológica. Todos conhecem a narrativa do Gênesis, segundo a qual Adão e Eva, após o pecado, percebem pela primeira vez estarem nus.” (AGAMBEN, 2021, p.91). De modo que esta narrativa ainda permanece presente nos pensamentos e discursos a respeito da nudez.

Agamben constrói uma esteira teórica através de teólogos que se aprofundam no pecado original, quando Adão e Eva comeram do fruto proibido e assim, pecando contra deus² e que, conseqüentemente, se perceberam nu.

De acordo com os teólogos, isso não ocorre por causa de uma simples ignorância precedente que o pecado anulou. Antes da queda, mesmo sem estarem cobertos por nenhuma veste humana, não estavam nus: estavam cobertos por uma veste de graça, que os envolvia tal como um traje glorioso. (AGAMBEN, 2021, p. 91-92)

De modo que

A nudez se dá para nossos progenitores no Paraíso terrestre somente em dois momentos: uma primeira vez, no intervalo, presumivelmente muito breve, entre a percepção da nudez e a confecção da tanga, e uma segunda vez, quando se despem, das folhas de figueira para se vestirem com as túnicas de pele. (AGAMBEN, 2021, p. 92-93)

Desde então, a nudez é um tabu em muitas sociedades e culturas. Mas pensando na contrassexualidade preciadiana, o que fica evidente nesses dois trechos citados de Agamben acima é de que a nudez não se deu na totalidade do corpo, mas sim no que a lógica heterocentrada, que passou a produzir discursivamente a partir de Adão e Eva, que, o que não pode ser exposto são os ditos órgãos sexuais, pênis e vagina, o que leva a sexualização de seus corpos, mais especificamente de suas genitálias, visto que através deste reconhecimento, mesmo que sem uma prática sexual explícita, a nudez passaria então a ser compreendida como sexual, de modo que a sexualidade não é observada na prática sexual em si, seja na penetração ou no beijo, por exemplo, a sexualidade é legitimada pela nudez quando o pênis e vagina são expostos explicitamente.

2 Por uma questão política do discurso, não utilizaremos a primeira letra (d) maiúscula. Entendemos que tal utilização se dá de modo a contribuir nas reproduções que colocam esta crença como superior às demais, principalmente se observado o aspecto social brasileiro. Portanto, qualquer divindade que venha a ser abordada, independentemente da crença que ela representa, será horizontalizada discursivamente com letras minúsculas.

A contrapartida precadiana nesse sentido é afirmar que

A contrassexualidade afirma que o desejo, a excitação sexual e o orgasmo não são nada além de produtos que dizem respeito a certa tecnologia sexual que identifica os órgãos reprodutivos como órgãos sexuais, em detrimento de uma sexualização do corpo em sua totalidade. (PRECIADO, 2017, p. 23)

Portanto, a lógica heterocisgênera branca classista capacitista e cristã elabora, desde então, discursos e práticas que confundem e distorcem a nudez dos corpos e consequentemente suas sexualidades e então confundem propositalmente gênero e sexualidade como visto anteriormente na crítica de Paul B. Preciado.

Giorgio Agamben segue sua elaboração filosófica pontuando as relações entre nudez, natureza, veste, graça, libido, obsceno, tais questões não serão aprofundadas aqui, pois exigiriam muito mais do que este artigo se propõe. Quando Agamben aponta, como já citado, que em algumas culturas ocidentais a lógica da nudez se respalda no pecado do paraíso e que então discursos e práticas elaboraram normas e dogmas sobre partes específicas do corpo, pênis e vagina, naturalizando essa regiões do corpo como erógenas e sexuais, uma vez que a reprodução humana a priori se estabeleceria na penetração do pênis na vagina para que, assim, a lógica heterociscentrada se coloque como natural e consequentemente legitima corpos em relação a outros (PRECIADO, 2022).

Nas entrelinhas, o que também pode ser observado é a institucionalização da sexualidade pelas instituições religiosas, principalmente, as cristãs, visto que, tal lógica é colocada como natural e como norma pela ocidentalidade branca cristã, uma vez que essa se coloca como progenitora das verdades humanas e assim estabelece seus conhecimentos como verdades através de produções discursivas. Os estudos de Michel Foucault sobre a sexualidade, principalmente no primeiro volume da História da Sexualidade 1: A vontade de saber (2019), evidenciam tais questões. Negamos as práticas sexuais apesar de incitá-las o tempo todo (FOUCAULT, 2019). Institucionalizaram-se as sexualidades por métodos científicos e regram-as pela jurisdição dos corpos (FOUCAULT, 2019). Do mesmo modo que fizemos com a nudez, mesmo que essa não consiga ser apreendida pelos discursos clínicos da medicina, mas a administramos a partir da lógicas de gênero e sexuais tensionadas por Preciado.

Seguindo o pensamento agambiano, ao escondermos pênis e vagina, estamos cobertos, pouco importando o quanto de corpo ainda fica exposto, pois as vergonhas estão cobertas (AGAMBEN, 2021). Porém, observando com calma esse discurso também é falho, uma vez que na lógica heterocentrada, a cisgeneridade permite que apenas homens cis possam exhibir seus mamilos, mulheres cis ao realizarem *topless*, por exemplo, são julgadas como imorais. Os problemas dessa lógica são piores ainda

quando, nos voltamos para a nudez das corpos e corpes trans e não-binários, pois estes na estrutura da cisnormatividade heterocentrada não são reconhecidas e reconhecidas como legítimas e legítimes, pois justamente suas identidades de gênero rompem com tal lógica e, conseqüentemente, sua nudez deixaria essa fratura exposta. É aqui que nossa crítica se estabelece ao Manifesto preciadiano, pois seria fundamental explorar a questão da nudez nas vias de gênero e prática sexuais, pois do mesmo modo que fica evidente através de Paul B. Preciado de que gênero não é prática sexual e prática sexual não é gênero, do mesmo modo nudez não é prática sexual e prática sexual não é nudez, bem como a nudez não é diretamente ligada a gênero e gênero não depende da nudez, mesmo que estas, gênero/prática sexual/nudez, se interseccionam posteriormente. Nesse sentido, é nesse momento que as artes visuais entram no debate, auxiliando as formulações teóricas e também observando às produções suas responsabilidades discursivas, pois quando observado com calma, os discursos produzidos pela historiografia, teoria e crítica de arte ainda reproduzem os equívocos apresentados até esse momento.

Nudez contrassexual artística

Para pensar na nudez contrassexual, apresentaremos quatro (04) obras e a partir delas entrelacemos algumas questões. Sendo: *Imponderabilia* (1977) de Marina Abramovic com Ulay (figura 1); *Intervenção* (1982) do Movimento de Arte Pornô (figura 2); *Public Cervix Announcement* (1990-93) de Annie Sprinkle (figuras 3 e 4) e *Solar Anus* (1999) de Ron Athey.



Figura 1.

Marina Abramovic com Ulay, *Imponderabilia*, 1977.

Performance

Acervo: Museum of Modern Art (MoMA)

Fonte: <https://www.moma.org/audio/playlist/243/3119>

Crédito da imagem: Marina Abramović and Sean Kelly Gallery



Figura 2.

Movimento de Arte Pornô,
Intervenção, 1982.

Performance

Fonte:

<https://www.tropicuir.org/obras-corpo/>

Crédito da imagem: Eduardo Kac



Figura 3.

Annie Sprinkle,
Public Cervix Announcement, 1990-93.

Performance

Fonte: <https://anniesprinkle.org/a-public-cervix-announcement/>

Crédito da imagem: Annie Sprinkle



Figura 4.

Annie Sprinkle, *Public Cervix Announcement*, 1990-93.

Performance

Fonte: <https://anniesprinkle.org/a-public-cervix-announcement/>

Crédito da imagem: Annie Sprinkle



Figura 5.

Ron Athey, *Solar Anus*, 1999.

Performance

Acervo: Ron Athey

Fonte: Documentário de Cyril Kuhn, 1999.

Crédito da imagem: Bruno Novadvorski
(printscreen)



Figura 6.

Ron Athey, *Solar Anus*, 1999.

Performance

Acervo: Ron Athey

Fonte: Documentário de Cyril Kuhn, 1999.

Crédito da imagem: Bruno Novadvorski
(printscreen)

A primeira questão a ser destacada é a nudez presente nos trabalhos apresentados, observando as especificidades de cada um. Em *Imponderabilia* (figura 1), *Intervenção* (figura 2) e *Solar Anus* (figuras 5 e 6) observamos que os corpos são apresentados na nudez total, sendo que em *Imponderabilia* e *Intervenção* há uma intenção de provocação para com o público mais direta em relação a nudez, do que nos demais trabalhos. Marina Abramovic e Ulay se colocam nus na porta da galeria de modo que o público seja obrigado a passar pelos dois que estão completamente nus, tal como estavam Adão e Eva, porém ambos estão longe do paraíso, e não se envergonhando de sua nudez, pelo contrário, possibilitando ao público reflexões sobre a nudez em um espaço legitimado da arte, como uma galeria. Já o Movimento de Arte Pornô, ousadamente recorre ao espaço público da Praia de Ipanema, na cidade do Rio de Janeiro. É importante ressaltar que no período em que realizaram a performance, o Brasil vivia os anos finais de sua ditadura militar, o que torna a performance ainda mais provocativa. Do mesmo modo que Abramovic e Ulay, os integrantes do Movimento de Arte Pornô, estavam provocando, pela via da performance e da intervenção, um espaço e lugar de nudez, não os institucionalizados pela arte, mas a areias da praia, onde os corpos que ali frequentam, de modo geral, estão sempre semi-nus, por muitas

vezes estarem vestindo sungas ou biquínis, o que não cobre o corpo em sua totalidade, pelo contrário, segue a lógica de cobrar apenas as “vergonhas”, as mesmas que Adão e Eva cobriram.

Já na performance de Ron Athey, o estadunidense, não está preocupado com a nudez, ela é coadjuvante na sua performance, afinal de contas ele realiza uma série de ações - criticamente observados por Preciado (2017), desde tatuar seu ânus e passando por injeções de substâncias tóxicas em seu pênis que o modificam. *Solar Anus* é uma performance em que a nudez assume segundo plano para que outras questões se façam visíveis, como as questões sobre a autopenetração anal, sendo este um trabalho artístico contrassexual (PRECIADO, 2017).

A performance *Public Cervix Announcement* colabora para com este debate uma vez que é preciso ter o conhecimento de que Annie Sprinkle é ex-atriz pornô e que em determinado momento de sua carreira, abandonou-a devido a inúmeras violências psicológicas e físicas, mas não porque a pornografia seja algo ruim, como muitas pessoas acreditam, mas pelo problema da industrialização da pornografia, este é o seu problema, a indústria pornô. De modo que Sprinkle, nesta performance, convida o público a ver seu colo do útero (figuras 3 e 4), exibindo apenas essa região do corpo, a artista tenciona o espectro da nudez que cobre moralmente essa região de seu corpo, ela inverte o jogo, pois está vestida.

Portanto, observando esses trabalhos, conseguimos, a partir da própria contrassexualidade preciadiana que em diálogo com as filosofias agambianas, questionar a ausência do debate da nudez no pensamento contrassexual de Paul B. Preciado, uma vez que, como apresentamos as questões suscitadas pela nudez, permitem a ampliação do debate contrassexual.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, apresentamos uma suave crítica, apontando a ausência de debates sobre a nudez nas perspectivas contrassexuais na filosofia preciadiana. Utilizamos quatro obras artísticas como exemplo para compreender a contrassexualidade. Trabalhos artísticos em que debates de gênero e sexualidade aparecem, propiciando assim leituras contrassexuais e que nos permitiram elaborar costuras com questões referente a nudez.

Caso Preciado tivesse entrado nas temáticas da nudez para pensar a contrassexualidade, seu Manifesto teria que ser apresentado em, no mínimo, dois volumes. Pois quando interseccionado os temas de gênero, sexualidade e nudez, abrem um vasto campo a

ser pesquisado, uma vez que a nudez nos parece uma questão em aberto, tanto para os estudos das contrassexualidade quanto para as Artes Visuais, uma vez que este campo do saber, ainda, elabora seus discurso através de teorias filosóficas que não estão acompanhando as mudanças contemporâneas dos debates urgentes, como gênero e sexualidade. Não estamos afirmando que as produções realizadas até agora devam parar na fogueira, o que não podemos é produzir e reproduzir discursos que permitam outras reflexões a respeito de temas que até então nos parecem espinhosos para o campo das Artes Visuais. Novamente destacamos que existem sim pesquisas artísticas e acadêmicas a respeito da nudez nas artes visuais, mas as contribuições filosóficas de Preciado, nos provocam a pensar como de fato estas pesquisas estão sendo realizadas. Claro que para elaborar esta provocação, precisamos questionar a nudez contrassexual e assim contraproduzir novas reflexões nas Artes Visuais.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Nudez*. Tradução Davi Pessoa. Belo Horizonte. Autentica Editora, 2021. ISBN 978-85-8217-387-9.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. - 8ª ed. - Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2019a. ISBN: 978-85-7753-294-0.

PRECIADO, Paul B. *Manifiesto contrasexual*; traducción Julio Díaz y Carolina Meloni. Barcelona: ANAGRAMA, 2011. ISBN: 978-84-339-7808-0.

_____. *Manifiesto contrasexual*; tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2017. ISBN: 978-85-66943-13-9.

_____. *Manifiesto contrasexual*; tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. ISBN: 978-65-5979-075-3.

Como citar:

SCHEEREN, Bruno Alcione Novadvorski; SÁ, Alexandre. A nudez nas artes visuais: perspectivas contrassexuais. *Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA*, São Paulo: CBHA, n. 42, p. 1024-1035, 2022 (2023). ISSN: 2236-0719.

DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.42.082>

Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>